

DÍPTEROS DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE CAPTURADOS COM ARMADILHAS SUSPENSAS ISCADAS

Delaine Casagrande da Silva Miletho Pereira^{1,2} e Aline Barcellos¹ (orient.)

¹Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul; ²Universidade Luterana do Brasil; delcasagrande@hotmail.com; alinebar@fzb.rs.gov.br.

Cerca de 120.000 espécies de dípteros são conhecidas. Esses insetos são saprófagos, predadores ou parasitas de outros insetos, e também podem atuar como polinizadores. Este trabalho tem como objetivo estudar a composição e abundância de dípteros presentes no Jardim Botânico (JB), com o emprego de método atrativo, utilizando-se diferentes iscas. Amostragens mensais, iniciadas em abril/2008, serão realizadas durante um ano, com armadilhas suspensas elaboradas a partir de garrafas de polietileno tereftalato (PET) de dois litros, contendo uma de três diferentes iscas (fígado ou peixe em decomposição ou banana amassada com melão de cana). As armadilhas são fixadas em galhos de árvores a uma altura aproximada de 1,60 m e retiradas após 48 horas. São amostrados seis pontos do JB, em locais de pouco fluxo de visitantes. Em cada ponto, são instaladas três armadilhas, cada uma com uma diferente isca. Os dípteros adultos estão sendo identificados em nível de família e posteriormente serão morfoespeciados. Após sete amostragens, foi coletado um total de 7.995 dípteros, com as maiores abundâncias observadas em agosto e outubro/2008. A isca de peixe foi a que atraiu maior número de indivíduos (63% dos dípteros capturados). Considerando todas as iscas, as famílias mais abundantes foram Lonchaeidae (9,6%), Fanniidae (10,1%), Phoridae (16,7%), Sarcophagidae (6,2%), Cecidomyiidae (10,6%), Muscidae (6,9%) e Anthomyiidae (1%). Peixe foi a isca mais atrativa para a maioria dos indivíduos pertencentes a Lonchaeidae, Fanniidae, Phoridae, Sarcophagidae, Cecidomyiidae e Muscidae. Calliphoridae apresentou uma abundância semelhante em peixe e fígado, e Anthomyiidae e Drosophilidae foram mais abundantes, respectivamente, em fígado e banana.

(Apoio: PIBIC/CNPq/MCN-FZBRS)